



O nosso negócio é o desenvolvimento

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE ETENE

INFORME RURAL ETENE

PRODUÇÃO E ÁREA COLHIDA DE TOMATE NO NORDESTE

Ano 4 – 2010 – Nº 21



O nosso negócio é o desenvolvimento

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE – ETENE

Superintendente

José Narciso Sobrinho

Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação – AEPA

Gerente: Jânia Maria Pinho Souza

Célula de Estudos Rurais e Agroindustriais – COERG

Gerente: Wendell Márcio Araújo Carneiro

Informe Rural ETENE

Coordenador: Wendell Márcio Araújo Carneiro

Informe Rural: Produção e Área Colhida de Tomate no Nordeste

Autores: Maria de Fátima Vidal

Revisão Vernacular: Hermano José Pinho

INTRODUÇÃO

Este Informe é parte do trabalho realizado pelo ETENE onde foi feita a comparação¹ entre o ultimo censo (2006) e o censo de 1995/96. Neste documento serão destacadas informações a respeito da produção, área colhida, uso de tecnologia, evolução do número de estabelecimentos e quantidade produzida por grupo de área total nos estabelecimentos agropecuários que produzem tomate na Região Nordeste e as alterações identificadas entre os Censos Agropecuários de 1995/96 e 2006.

O tomate é uma das mais importantes hortaliças cultivadas no mundo e o Brasil é um dos principais produtores mundiais. No Nordeste, a cultura é explorada principalmente por pequenos produtores rurais. Dessa forma, a atividade possui grande importância sócio-econômica para a Região, com ênfase para os Estados de Pernambuco, Bahia e Ceará.

Nesse contexto, é importante analisar como se deu a evolução da cultura do tomate no Brasil, no Nordeste e nos principais estados produtores da Região para direcionar políticas estratégicas específicas para o setor.

PRODUÇÃO E ÁREA COLHIDA DE TOMATE NO NORDESTE

De acordo com os dados apresentados pelos Censos de 1995/96 e 2006 ocorreu evolução da participação nordestina com relação ao número de estabelecimentos rurais produtores de tomate no Brasil, passou de 18,0% para 27,0%. No entanto, a participação percentual na quantidade produzida e vendida decresceu 2 e 4 pontos percentuais respectivamente (Gráfico 1).

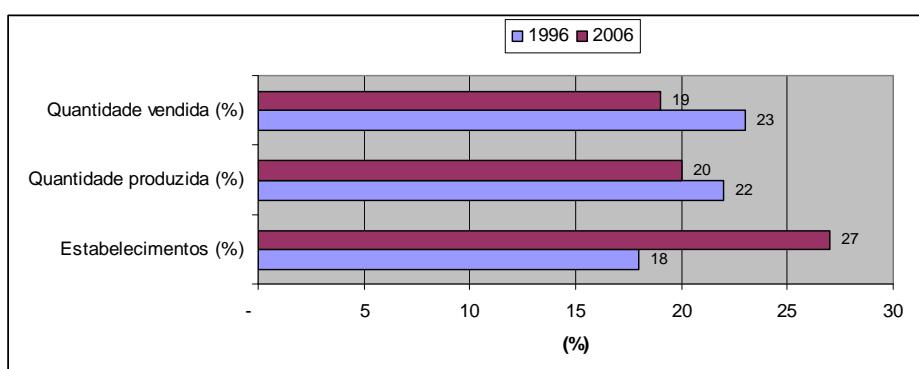


Gráfico 1 – Evolução da Participação Nordestina no Número de Estabelecimentos, Quantidade Produzida e Quantidade Vendida de Tomate no Brasil entre os Censos de 1995-96 e 2006

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (1995/96) e (2006).

¹ A primeira versão deste trabalho foi contratada junto à Associação Científica de Estudos Agrários (ACEG) e elaborada pelo professor Raimundo Eduardo Silveira Fontenele, com a colaboração de Beatriz Nascimento Ko Fontenele. O presente Informe está baseado em seção 3.24.13 – *Produção e Área Colhida de Tomate*, constante do estudo da ACEG.

A comparação entre os censos mostra uma redução da produção no Brasil de 20,1% e no Nordeste de 29,6% (Tabela 1). Estes dados contrastam com os dado da Produção Agrícola Municipal (PAM), do próprio IBGE, que indicam crescimento da produção brasileira em 27,0%. Para o Nordeste, a PAM sinaliza uma queda de produção (Tabela 2), porém bem inferior ao observado no censo de 2006.

A comparação entre os censos mostra que no Nordeste apenas a Bahia superou sua contribuição em relação ao censo de 1996, passou de 21,5% para 42,1% da produção regional (Tabela 1). De acordo com os censos uma queda expressiva da produção ocorreu em Pernambuco (62,6%) e Ceará (39,9%). A PAM mostra expressiva queda da produção em Pernambuco (32,1%), porém, indica crescimento no Ceará e Bahia.

De acordo com Carvalho da Silva et al. (2006), a cultura do tomate rasteiro (industrial) apresentou grande expansão em Pernambuco e Norte da Bahia na década de 1980. Este fato está relacionado às condições climáticas nas áreas produtoras desses Estados que possibilitam um maior período de safra e, portanto, as indústrias teriam menor necessidade de formação de estoques de polpas e ficariam menos tempo do ano ociosas. No entanto, em 1991 ocorreu ataque severo da traça do tomateiro (*Tuta absoluta*) e da mosca branca (*Bemisia argentifolii*, *B. tabaci*) vetores do geminivírus, o que ocasionou redução da área plantada com tomate no Nordeste. A incidência dessas pragas e doença provocou o fechamento de várias indústrias de processamento em Pernambuco e Bahia entre 1996 e 1997. Outro problema enfrentado pelo setor no período foi a grande oferta de tomate no mercado externo, o que levou a queda no preço.

Embora, em termos regionais, Piauí, Rio Grande do Norte e Alagoas não tenham representatividade, vale ressaltar o grande incremento da produção que estes Estados apresentaram no período, fato observado tanto pelo Censo de 2006 quanto pela PAM (Tabela 1 e 2). Tudo indica que a redução da oferta em Pernambuco levou as empresas processadoras de tomate lá instaladas a buscar matéria prima fora do Estado, isso deve ter estimulado o aumento da produção nos demais estados nordestinos.

Bahia e Pernambuco são os maiores produtores de tomate do Nordeste, em 2006 concentravam 68,0% da produção e 57,5% do valor da produção da Região. O plantio de tomate nesses Estados ocorre principalmente no pólo Petrolina-Juazeiro. O Ceará é o terceiro maior produtor com 16,9% e 22,2% da quantidade e valor da produção nordestina, respectivamente.

Tabela 1 – Número de Estabelecimentos, Produção e Quantidade Produzida de Tomate (Industrial e Estaqueado) no Brasil, Nordeste e Estados Nordestinos, segundo os Censo de 1995/96 e 2006

Brasil, Nordeste e Estados	1995/96			2006		
	Estabele-cimentos	Quant. Produzida (t)	Quant. vendida (t)	Estabele-cimentos	Quant. Produzida (t)	Quant. vendida (t)
Brasil	116 756	1 632 431	1 601 924	42 001	1 304 855	1 285 863
Nordeste	20 575	365 043	360 819	11 472	256 826	249 573
Maranhão	2 161	11 079	10 918	799	5 006	4 796
Piauí	546	1 487	1 363	840	2 823	2 686
Ceará	3 841	72 360	71 027	1 933	43 474	42 909
Rio Grande do Norte	615	7 225	7 133	334	11 578	10 655
Paraíba	1 330	11 856	11 763	729	11 409	11 248
Pernambuco	4 468	178 772	177 933	1 518	66 833	66 099
Alagoas	153	280	270	235	3 249	3 181
Sergipe	874	3 394	3 310	459	4 290	4 125
Bahia	6 587	78 590	77 103	4 625	108 164	103 872

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (1995/96) e (2006).

Tabela 2 - Produção de Tomate no Brasil, Nordeste e Estados Nordestinos, segundo dados da Produção Agrícola Municipal (PAM) - IBGE

Brasil, Nordeste e Unidade da Federação	1996	2006	Var (%)
Brasil	2.648.627	3.362.655	27,0
Nordeste	646.629	577.401	(10,7)
Maranhão	11.368	4.727	(58,4)
Piauí	1.485	2.626	76,8
Ceará	101.206	103.291	2,1
Rio Grande do Norte	9.699	16.674	71,9
Paraíba	29.980	23.325	(22,2)
Pernambuco	248.007	168.501	(32,1)
Alagoas	-	2.400	-
Sergipe	6.183	4.871	(21,2)
Bahia	238.701	250.986	5,1

Fonte: IBGE - Pesquisa Agrícola Municipal (2010)

Segundo levantamento do Censo Agropecuário de 2006, predomina no Brasil a produção de tomate estaqueado com 34.600 estabelecimentos, contra 7.401 que produzem tomate para fins industriais. O tomate estaqueado responde por 71,3% da produção e 83,5% do valor da produção brasileira de tomate. No Nordeste, 74,2% dos estabelecimentos produzem tomate estaqueado, porém, 50,8% da produção de tomate da Região é destinada à industria. A produção de tomate industrial no Nordeste é mais expressiva nos Estados da Bahia e Pernambuco (Tabelas 3 e 4).

Com relação à área colhida, o censo de 2006 só fornece dados para o tomate rasteiro (industrial). O Nordeste participa com 36,1% (14.591 ha) da área de tomate rasteiro no Brasil. Pernambuco e Bahia concentram 87,4% da área cultivada com este tipo de tomate no Nordeste (Tabela 3).

Tabela 3 – Produção, Valor da Produção e Área Colhida de Tomate Rasteiro (Industrial), segundo Brasil, Nordeste e Estados Nordestinos - 2006

Brasil, Nordeste e Estados	Estabelecimentos	Quantidade		Valor da produção (mil R\$)	Área colhida (ha)
		Produzida (t)	Vendida (t)		
Brasil	7 401	374 893	368 502	137 906	40 430
Nordeste	2 955	126 381	122 180	42 034	14 591
Maranhão	18	11	10	12	6
Piauí	84	1 148	1 122	928	103
Ceará	227	5 929	5 822	2 787	751
Rio Grande do Norte	113	5 252	5 239	1 752	347
Paraíba	232	4 840	4 802	2 228	406
Pernambuco	809	55 662	55 116	15 672	6 588
Alagoas	31	627	626	253	46
Sergipe	54	617	616	295	51
Bahia	1 387	52 296	48 826	18 108	6 159

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (2006).

Tabela 4 – Produção, Valor da Produção e Área Colhida de Tomate Estaqueado, segundo o Brasil, Nordeste e Estados Nordestinos - 2006

Brasil, Nordeste e Estados	Estabelecimentos	Quantidade		Valor da produção (mil R\$)
		Produzida (t)	Vendida (t)	
Brasil	34 600	929 962	917 361	698 196
Nordeste	8 517	130 445	127 393	99 333
Maranhão	781	4 995	4 786	4 598
Piauí	756	1 675	1 564	1 983
Ceará	1 706	37 545	37 087	28 591
Rio Grande do Norte	221	6 326	5 416	4 411
Paraíba	497	6 569	6 446	6 430
Pernambuco	709	11 171	10 983	10 068
Alagoas	204	2 622	2 555	1 150
Sergipe	405	3 673	3 509	4 672
Bahia	3 238	55 868	55 046	37 431

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (1995-96).

NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E PRODUÇÃO POR GRUPO DE ÁREA TOTAL

Com relação a grupos de área só foi possível comparar dados do Brasil. Pois, o Censo de 2006 trabalha com área total dos estabelecimentos produtores de tomate. Já o Censo de 1996 não apresenta dados de área total para todos os estados Nordestinos.

Também não foi possível trabalhar com área colhida, pois o Censo de 2006 não informa estes dados para tomate estaqueado e no censo de 1995/96 os dados são relativos a tomate total, não há separação entre industrial e estaqueado.

A comparação entre os censos mostra aumento no percentual de estabelecimentos com menos de 10 hectares de 42,0% para 50,0% e redução das propriedades com área entre 10 e menos de 100 hectares (Gráfico 2).

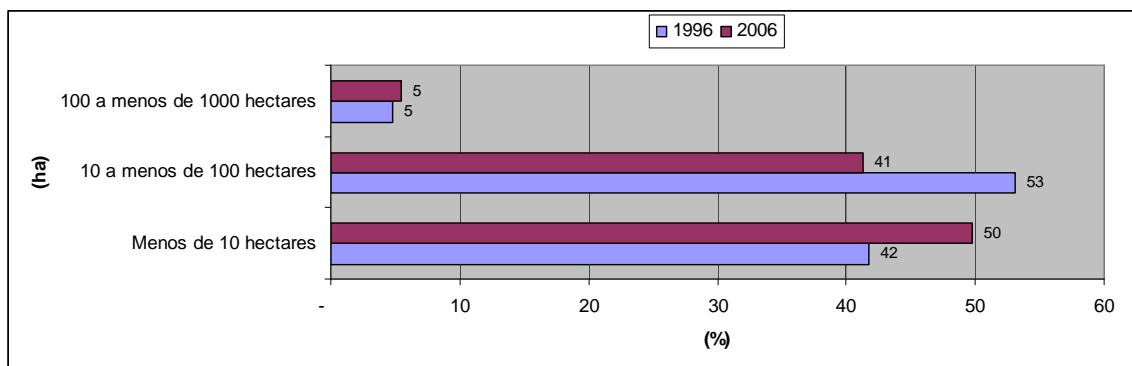


Gráfico 2 – BRASIL - Evolução do Percentual de Número de Estabelecimentos que Produzem Tomate por Grupo de Área Total entre os Censos de 1995-96 e 2006

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (1995/96) e (2006).

No entanto, ocorreu expressivo crescimento da participação dos estabelecimentos com área entre 10 a menos 100 hectares na produção, que passou de 37,0% para 47,0% (Gráfico 3). Isso indica que houve melhora na eficiência desses estabelecimentos.

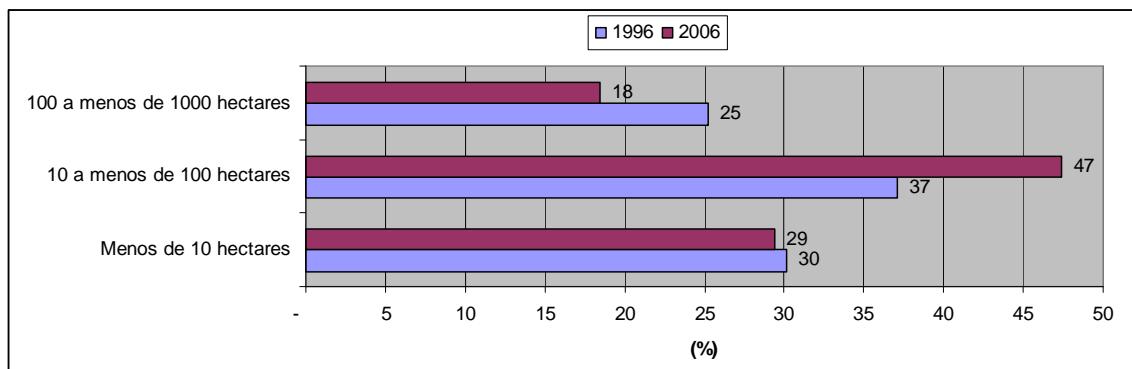


Gráfico 3 – BRASIL - Evolução do Percentual da Quantidade Produzida de Tomate por Grupo de Área Total entre os Censos de 1995-96 e 2006

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (1995/96) e (2006).

Em termos absolutos, os estabelecimentos com área entre 10 e 100 ha tiveram queda de 72,0% no número de estabelecimentos e crescimento da produção em 2,0%, enquanto nos demais grupos houve queda tanto no número de estabelecimentos quanto na quantidade produzida (Tabela 5).

Tabela 5 – Evolução do Número de Estabelecimentos, Quantidade Produzida e Valor da Produção de Tomate no Brasil entre os Censos de 1995/96 e 2006

Grupos de área (ha)	Estabelecimentos			Quantidade produzida (t)			Valor da produção (mil R\$)		
	1996	2006	Var(%)	1996	2006	Var(%)	1996	2006	Var(%)
Menos de 10	48.777	20.891	(57)	492.389	383.439	(22)	359.923	288.896	(20)
10 a menos de 100	61.973	17.326	(72)	605.658	618.316	2	401.125	407.795	2
100 a menos de 1000	5.621	2.273	(60)	411.521	241.037	(41)	269.033	105.685	(61)
1000 e mais	334	160	(52)	122.274	39.851	(67)	37.256	16.555	(56)
Sem declarações	51	1.351	2.549	589	22.211	3.671	369	17.169	4.553
TOTAL	116.756	42.001	(64)	1.632.431	1.304.854	(20)	1.067.705	836.100	(22)

Fonte: IBGE Censo Agropecuário (1995-96 e 2006).

No Nordeste, os estabelecimentos com menos de 10 hectares representam 59,1% do total e respondem por 31,3% da quantidade produzida. Cerca de 30,8% das propriedades possuem área entre 10 e 100 hectares e são responsáveis por 35,5% da produção de tomate estaqueado na Região (Tabela 6).

Tabela 6 – Número de Estabelecimentos, Quantidade Produzida e Valor da Produção de Tomate Estaqueado no Nordeste por Grupo de Área Total – Censo de 2006

Grupo de área total	Estabelecimentos	%	Quantidade produzida (t)	%	Valor da produção (Mil R\$)	%
Menos de 10	5.030	59,1	40.827	31,3	31.443	31,7
10 a menos de 100	2.624	30,8	46.286	35,5	36.423	36,7
100 a menos de 1000	473	5,6	27.857	21,4	18.039	18,2
1000 e mais	37	0,4	12.825	9,8	10.481	10,6
Sem declarações	353	4,1	2.649	2,0	2.949	3,0
Total	8.517	100,0	130.444	100,0	99.335	100,0

Fonte: IBGE Censo Agropecuário (2006).

USO DE TECNOLOGIA NA PRODUÇÃO DE TOMATE

Com relação ao uso de tecnologia, os censos de 1995-96 e 2006 mostram evolução no uso de adubação, agrotóxicos e principalmente de irrigação que passou de 34,0%, em 1995/96, para 71,0%, em 2006. A cultura do tomate exige cuidados constantes e uso de tecnologias sofisticadas, pois está sujeita a diversas pragas e doenças, daí porque apenas 9,0% dos estabelecimentos não utilizam nem irrigação, nem adubação, nem agrotóxicos, sendo responsáveis por menos de 1,0% da produção nacional (Gráfico 4).

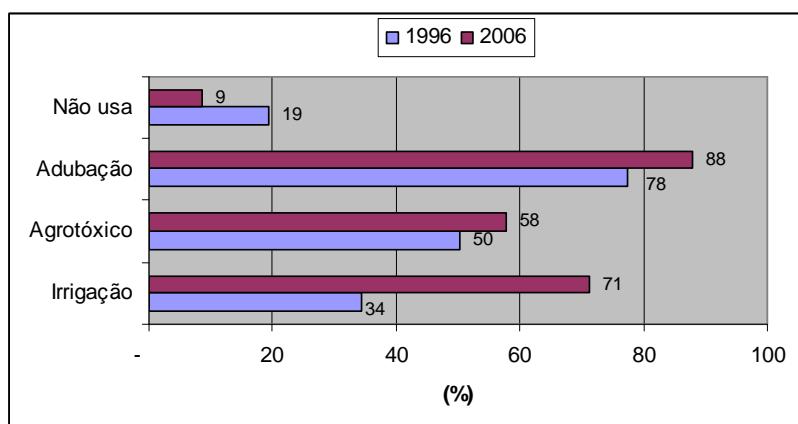


Gráfico 4 – BRASIL - Evolução do Percentual dos Estabelecimentos que Usam Tecnologia na Produção de Tomate entre os Censos de 1995-96 e 2006

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (1995/96) e (2006).

Importante observar que, enquanto no Brasil ocorreu aumento na quantidade de estabelecimentos que usavam agrotóxicos, no Ceará e Pernambuco² houve uma queda considerável. Em 1996, um total de 90,0% dos estabelecimentos de Pernambuco e 85,0% do Ceará usavam defensivos; em 2006, esse percentual caiu para 69,0% e 68,0%, respectivamente

² Só foram feitas análise para Ceará e Pernambuco porque o Censo de 1995/96 não fornece dados de uso de tecnologias para os demais estados nordestinos.

(Gráficos 5 e 6). Este fato está relacionado ao desenvolvimento de variedades de tomate resistente a viroses, principal causa de uso de agrotóxico nas lavouras de tomate. Além disso, os consumidores estão mais preocupados com a saúde e pressionam para que haja redução na utilização de agroquímicos na produção de alimentos. No Ceará, ocorreu ainda expressivo crescimento do uso de irrigação.

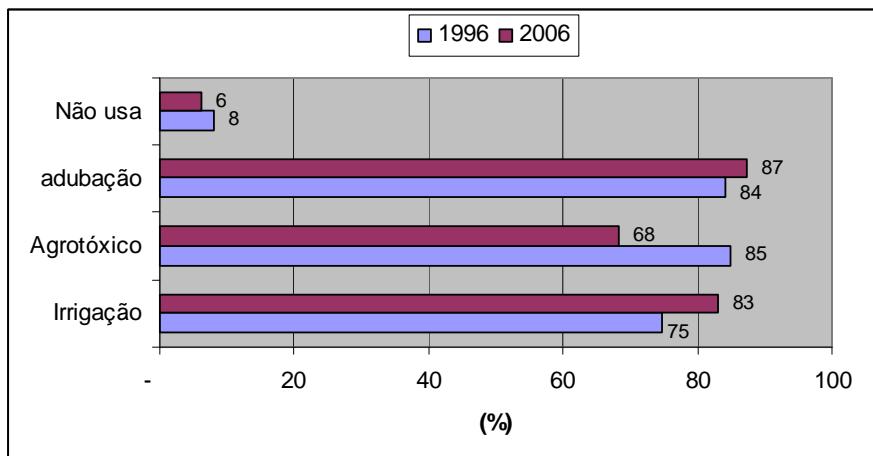


Gráfico 5 – Ceará - Evolução do Percentual dos Estabelecimentos que Usam Tecnologia na Produção de Tomate entre os Censos de 1995-96 e 2006

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (1995/96) e (2006).

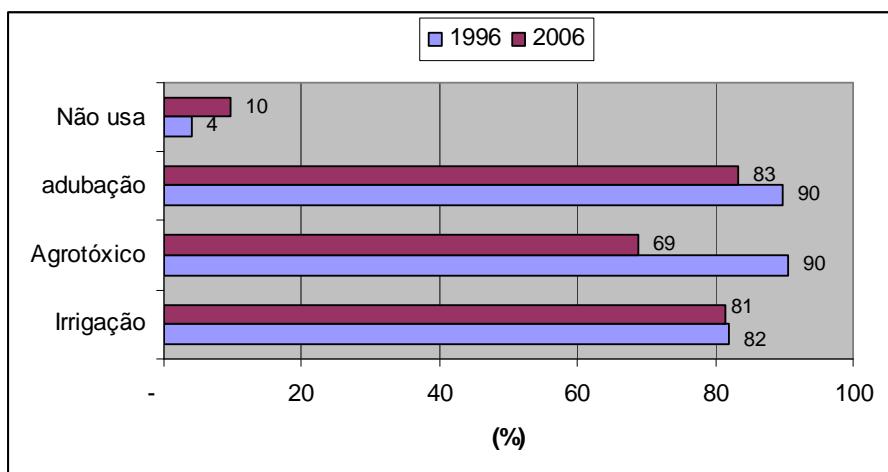


Gráfico 6 – Pernambuco - Evolução do Percentual dos Estabelecimentos que Usam Tecnologia na Produção de Tomate entre os Censos de 1995-96 e 2006

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário (1995/96) e (2006).

CONCLUSÕES

Apesar de ter sido verificado uma falta de correspondência entre os censos de 1995/1996 e 2006, a comparação entre os Censos fornece informações importantes para o setor. Os dados mostram que a produção de tomate no Brasil e no Nordeste é característica de pequenas áreas, porém, intensiva na utilização de insumos. Entre os censos, ocorreu no País evolução no uso de adubação, agrotóxicos e principalmente de irrigação. Porém, no Nordeste, verificou-se uma

importante redução no percentual de estabelecimentos que usam agrotóxico, o que contribui para a melhoria da qualidade de vida dos produtores e consumidores de tomate. Este resultado provavelmente está relacionado a pressão dos consumidores por alimentos mais saudáveis e ao trabalho das instituições de pesquisa no desenvolvimento de variedades de tomate resistentes à doenças.

Bahia, Pernambuco e Ceará continuam como os maiores produtores regionais de tomate, sendo que o tomate industrial possui grande participação na produção total da Região.

REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Agropecuário 1995-1996. Rio de Janeiro, 1998.

_____. Censo Agropecuário 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 abr. 2010.

CARVALHO DA SILVA, J.B.; et al. Sistema de Produção 1 2^a ed. Cultivo de Tomate para Industrialização. Embrapa Hortalícia. Versão eletrônica. Dez. 2008. Disponível em: http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Tomate/TomateIndustrial_2ed/index.htm. Acesso em: 22 set. 2010.

Outros números do Informe Rural ETENE:

ANO 4 – 2010

Nº 1, Jan 2010 – Exportações do Agronegócio do Nordeste

Nº 2, Abr 2010 – Situação do Setor Produtivo da Lagosta no Nordeste

Nº 3, Mai 2010 – Ervas Aromáticas

Nº 4, Jun 2010 - Identificação de Áreas Vocacionadas para Recria/Engorda de Bovinos no Nordeste

Nº 5, Jun 2010 – Agricultura Familiar no Nordeste

Nº 6, Jul 2010 – Cenário Agropecuário 2010

Nº 7, Ago 2010 – Despesas Realizadas nos Estabelecimentos Agropecuários do Nordeste

Nº 8, Set 2010 – Receitas Obtidas pelos Estabelecimentos Rurais do Nordeste

Nº 9, Set 2010 – Utilização de Máquinas e Implementos Agrícolas nos Estabelecimentos Rurais do Nordeste

Nº 10, Set 2010 – Produção e Venda dos Produtos da Apicultura no Nordeste

Nº 11, Set 2010 – Produção e Venda de Produtos da Aquicultura no Nordeste

Nº 12, Out 2010 – Uso de Irrigação nos Estabelecimentos Rurais do Nordeste

Nº 13, Out 2010 – Produção e Venda de Leite e Ovos na Região Nordeste

Nº 14, Out 2010 – Produção e Venda de Pó e Cera de Carnaúba no Nordeste

Nº 15, Out 2010 – Efetivos da Pecuária da Região Nordeste

Nº 16, Out 2010 – Exportações do Agronegócio do Nordeste

Nº 17, Out 2010 – Produção e Área Colhida de Algodão no Nordeste

Nº 18, Out 2010 – Produção e Efetivo de Manga no Nordeste

Nº 19, Nov 2010 – Produção e Área Colhida de Abacaxi no Nordeste

Nº 20, Nov 2010 – Produção e Área Colhida de Cana de Açúcar no Nordeste